

**CADERNOS
MILITARES-6**

O CASO DE ANGOLA



ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial e especialmente na última década, o continente africano tem sido palco ensanguentado dos interesses das grandes potências, principalmente do mundo comunista, que viram numa aceleração do processo da chamada descolonização e na concessão precipitada de aparentes independências a forma mais fácil e rápida de conseguirem obter uma melhor posição face às extraordinárias potencialidades económicas do continente.

A inexistência de condições mínimas de sobrevivência na maioria dos novos países africanos tem desmentido ser a independência prematura o melhor processo de garantir às populações a sua promoção social e económica e tem, pelo contrário, sido a causa de anarquia, violência e ruína económica provocadas por golpes de estado frequentes, guerras civis e extermínio de populações.

No ano de 1960 obtiveram a independência 17 novos Estados africanos. Depois do Congo ex-Francês, é concedida, em Julho de 1960, a independência ao Congo Belga. Angola seria o próximo objectivo.

Do Zaire ao Cunene, do Atlântico ao Zambeze e em Cabinda vivia-se, então, um clima de paz, ordem, progresso e isento de racismo. Além da maior em extensão, Angola era considerada a província ultramarina mais portuguesa pois nela estavam radicados quase 200.000 europeus. Era grande, senão total, a confiança no nativo que merecia um tratamento de igualdade em flagrante contraste com o que se passara nos países limítrofes.

Em Março de 1961 Angola foi surpreendida por uma vaga de terrorismo que vitimou alguns milhares de brancos, negros e mestiços. Portugal e todo o mundo civilizado cons-

ciente estremeceram ao tomar conhecimento das barbaridades cometidas pelos terroristas (e que se não julgavam possíveis em meados do século XX) sobre portugueses que, dispersos por povoações, fazendas e sanzalas, trabalhavam para ganhar o pão de cada dia.

O terrorismo foi desencadeado no Noroeste da Província, região geográfica e etnicamente ligada ao Congo ex-Belga onde fora cuidadosamente planeado e donde irradiaram os agitadores para a sua campanha de subversão em Território Nacional.

Os massacres iniciais verificaram-se não só numa zona fronteiriça mas também nos Dembos, região interior muito acidentada e arborizada que, com uma superfície de 40.000 Km², constitui uma das principais áreas produtoras do café de Angola. Na parte atacada não havia tropas nem forças policiais, pois nada antes o justificara dado o espírito de confiança e boa harmonia sempre verificado entre portugueses brancos, negros e mestiços. Centenas de nativos eram proprietários de fazendas ou de marcações de café que muitas vezes confinavam com as lavras dos agricultores brancos. Muitos dos trabalhadores negros ganhavam melhor que muitos europeus na Metrópole.

Parece ter sido avaliada em três semanas a nossa resistência ao ataque inimigo. Preparara-se a opinião pública internacional para um possível levantamento geral da população contra o Governo Português. Pensava-se que os portugueses iriam abandonar Angola. Mas isso não aconteceu...

AGOSTO DE 1969

O CASO DE ANGOLA

ANTECEDENTES

INDEPENDÊNCIA DO CONGO BELGA

O Baixo Congo Belga constituía, desde há muito, uma região que atraía os nativos do nosso Congo que emigravam para lá aos milhares. Em 1950 essa emigração diminuiu significativamente mas calcula-se que viveriam no território congolês, em 1959, talvez uns 80 000 naturais de Angola.

Em 1 de Julho de 1960 o Congo Belga tornou-se efectivamente independente. Analisemos sucintamente alguns acontecimentos que se verificaram antes e após essa independência, concedida pelo Governo Belga, para verificarmos a sua influência decisiva na preparação da subversão e eclosão do terrorismo no Noroeste da nossa Província de Angola.

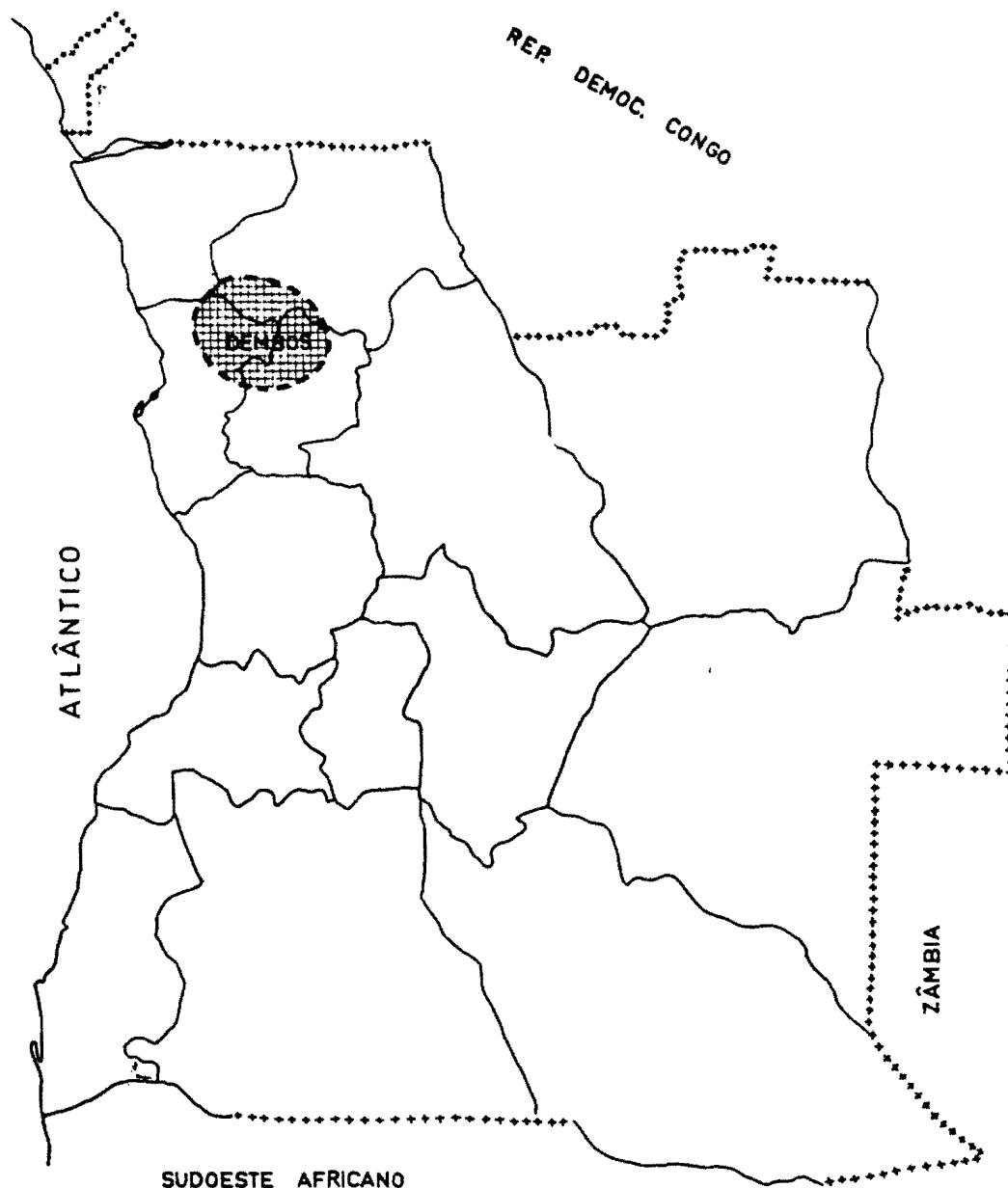
Como consequência da agitação desencadeada em 1958 pelos diferentes partidos políticos do Congo Belga, verificaram-se em Leopoldville, no mês de Janeiro de 1959, graves tumultos que provocaram dezenas de mortos e feridos congolezes.

Após o restabelecimento da ordem pela «Force Publique» — Exército congolês enquadrado por oficiais e sargentos belgas —, o governo geral Belga ordenou a expulsão de 3 000 pessoas, na maioria homens que, segundo afirmou, eram naturais de Angola e tinham tomado parte nos referidos tumultos. Damos guarida e emprego, na medida do possível, a esses angolanos expulsos que entraram pela fronteira Norte.

Os Belgas expulsaram não os bons e disciplinados mas os desempregados, alguns dos quais tinham morto ou tentado matar e assistido às reuniões políticas onde a palavra «independência» era pronunciada com frequência. Muitos dos expulsos, que nenhuns laços tinham com Angola, falavam só o Francês e declaravam apenas desejar a independência do Congo Belga onde regressaram quando ela foi concedida. Enquanto permaneceram em Angola não deixaram de fazer a sua propaganda entre os nossos nativos tentando subvertê-los.

Com a continuação dos tumultos, o governo Belga prometeu a independência dentro de quatro anos. Mas em Janeiro de 1960, cedendo às pressões dos políticos congolezes, alterou esse prazo para cinco meses.

Cinco dias após a proclamação da Independência, o Congo ex-Belga (depois República Democrática do Congo) viu-se súbitamente perturbado pela insubordinação e revolta da «Force Publique» que o novo governo, sem prestígio, autoridade ou meios, não consegue dominar e assiste-se a um período de caos e anarquia. Muitos



dos 1 000 oficiais e sargentos belgas são presos e maltratados, mulheres brancas violadas, colonos europeus espancados e as suas propriedades saqueadas — um ataque generalizado à vida, honra e propriedade dos europeus.

E processa-se, no meio de uma atmosfera de terror e confusão, um êxodo dos brancos radicados no Congo., uma debandada em direcção aos territórios limítrofes onde muitos conseguiram chegar e salvar a sua vida, já que os bens, fruto de anos de trabalho, foram completamente perdidos. Calcula-se que o total de refugiados brancos em Angola, Congo Brazza, Rodésia e Uganda teria excedido o número de 45 000.

Com o apoio e material das autoridades congolésas, puderam os movimentos políticos-subversivos angolanos desenvolver em excelentes condições, o trabalho de preparação da subversão em Angola.

Instalaram em território congolês as sedes dos seus «Partidos» e campos de instrução e utilizaram a própria Emissora de Rádio de Leopoldville. Os seus propa-

gandistas e agitadores passaram a deslocar-se, cada vez em maior número, para o interior de Angola através de uma fronteira, cuja travessia, ao longo de centenas de quilómetros, não oferecia qualquer dificuldade porque os postos portugueses eram raros.

Esses agentes inimigos, ao «invadirem» praticamente todas as sanzalas do Norte de Angola, utilizaram argumentos poderosos — promessas, ameaças, feiticismo — e, mais ainda, contaram como se processara vertiginosamente a independência do Congo Belga.

Esses propagandistas não compreendiam que a independência do Congo fora improvisada precipitadamente pois não existiam quadros, técnica ou maturidade e era grave a falta de preparação dos dirigentes, dos quadros da administração e das massas em geral.

Esses propagandistas não explicaram que a obra dos belgas no Congo fora essencialmente material com base numa política de segregação racial, mas souberam contar com a fraqueza do governo belga perante as imposições congolezas, o êxodo dos belgas e a apropriação daquilo que pertencia aos brancos, incluindo as mulheres.

A acção dos agitadores desenvolvida com a colaboração ou cumplicidade de muitas missões protestantes instaladas no nosso território, cedo começou a dar os seus frutos nos nossos nativos, pois em 1960 já se notaram, no Norte de Angola, sinais de menos respeito e até de insubordinação entre alguns trabalhadores indígenas.

ACONTECIMENTOS DA BAIXA DO CASSANGE

Em Janeiro de 1961, verificaram-se acontecimentos de certa gravidade na baixa do Cassange, região a Nordeste de Malange onde se cultivava o algodão. Os nativos recusaram-se a colher o algodão sob o pretexto de serem espoliados nos pagamentos.

A legislação então em vigor — já posteriormente alterada pela extensão de zonas de concessão algodoeira a companhias particulares — previa a cultura em condições que não eram as mais adequadas, o que contribuía para gerar um espírito de má vontade nos nativos da região. Mas foram os agitadores vindos do Congo ex-Belga que os convenceram a não cultivarem mais algodão e provocaram na região um clima grave de insurreição contra a autoridade legal.

As patrulhas da Companhia de Caçadores então aquartelada em Malange percorreram a região e procuraram acalmar e esclarecer os nativos sobre o que desejavam os agitadores, mas eram constantemente provocadas por gritos de «Fora o Branco», «As balas dos brancos não matam», «O Estado é caca de galinha», pois estavam convencidos que a Companhia concessionária era o Estado e estavam a desobedecer ao Estado.

Esta situação desprestigiante torna-se, dia após dia, mais perigosa.

A área foi então reforçada com um Batalhão e duas Companhias o que permitiu aumentar o número de patrulhas e visitas às sanzalas da região com a missão de aconselhar calma e ordem aos nativos e esclarecê-los de que o Estado nada tinha com a Companhia concessionária do algodão.

Mas as dificuldades foram-se avolumando. Até que uma das Companhias de Caçadores, vendo-se cercada por milhares de amotinados armados de canhangulos, armas de caça, catanas e moccas que ameaçavam massacrar os militares, teve necessidade de abrir fogo e provocou um certo número de baixas.

Continuando a desenvolver uma intensa acção psicológica sobre a população, as unidades militares conseguiram finalmente convencer os nativos da verdade e obter a amizade e compreensão da maioria das autoridades gentílicas.

Em 27 de Fevereiro do mesmo ano — 1961 — o Comando do Batalhão anunciou que a região estava pacificada.

ASSALTOS EM LUANDA

A capital de Angola é uma cidade moderna debruçada sobre o Atlântico que apresenta uma zona central, comercial e residencial, envolvida por uma cintura de musseques, grandes aglomerados de pequenas casas de adobe, tijolo ou madeira onde vivem principalmente nativos de Angola, que em 1960 deveriam ser cerca de 2 000 000.

Na madrugada de 4 de Fevereiro de 1961, grupos numerosos de nativos saíram de alguns desses musseques e assaltaram, simultaneamente, a Casa de Reclusão Militar, a Esquadra da Companhia Móvel da PSP e a Cadeia de São Paulo. Pretendiam libertar presos o que não conseguiram. Assassinaram, no entanto, alguns elementos das forças da ordem.

Os assaltantes, muitos deles naturais de Catete, atacaram com mocas e catanas, de tronco nu e engordurado e gritando, enlouquecidos pelas drogas que lhes haviam ministrado, «mata, mata, Angola é nossa».

O ambiente em Luanda era de insegurança, pesadelo e desconfiança entre as comunidades branca e de cor.

Os efectivos à disposição da autoridade na capital (7 Unidades tipo Companhia, sendo 5 praticamente só de soldados nativos) eram muito reduzidos para garantir a ordem e fazer face a novos assaltos numa área relativamente grande e com uma população tão numerosa. E a PSP era já insuficiente para o policiamento da zona central da cidade. Contudo, mercê duma esgotante actividade de patrulhamento e rusgas dessas Unidades não se verificaram, nos dias seguintes, acontecimentos graves.

Entretanto, uma semana depois, houve conhecimento que se preparavam novos assaltos para essa noite e que os terroristas planeavam não só atacar novamente a cadeia de São Paulo mas também assaltar estabelecimentos comerciais e moradias e assassinar europeus.

Só se realizou o assalto à Cadeia. Devido às providências tomadas os assaltantes, que novamente se apresentavam drogados, foram mal sucedidos e sofreram duas dezenas de mortos.

Não se verificaram posteriormente novos ataques em Luanda.

Os acontecimentos da baixa do Cassange e os assaltos terroristas de Luanda, ocorridos enquanto na ONU se discutia o caso de Angola, são dois marcos sangrentos no caminho percorrido pelo inimigo, após uma independência do Congo ex-Belga de que tanto beneficiou, até ao terrível massacre que, moralizado pelo apoio de uma mal esclarecida opinião internacional, ordenou no Norte de Angola, poucas semanas depois, e ilustram bem a actividade, influência e propósitos dos seus agitadores.

E esse inimigo, conhecedor da exiguidade das nossas forças da ordem para uma área tão vasta, não podia deixar de acreditar que tudo se passaria em Angola mais fácil e rapidamente que no Congo ex-Belga.

OS MASSACRES NO NORTE DE ANGOLA

Que se passou na manhã de 15 de Março em muitas povoações, fazendas e pequenas demarcações no NO de Angola?

Eram 7 horas. Nas povoações, numerosos nativos esperavam, como era usual, que as casas comerciais abrissem as suas portas. Depois de entrarem, atacaram a um sinal combinado todos os brancos que puderam encontrar e assassinaram homens, mulheres e crianças, utilizando as catanas que traziam escondidas.

O mesmo sucedeu nas fazendas durante a formatura habitual da manhã em que, como sempre, os trabalhadores nativos se apresentavam aos capatazes brancos, mestiços ou de cor. Também a um sinal assassinaram não só os capatazes como ainda os proprietários, outros brancos e os nativos fieis. As suas catanas, que

antes eram apenas a ferramenta indispensável à sua vida quotidiana, serviram então para matar os brancos, mestiços e negros.

Mas esses facínoras não mataram apenas. Fizeram-no com uma violência sem limites.

Esquartejavam homens e crianças, mesmo recém-nascidos. Chegaram a arrancar bebés dos ventres das próprias mães. Violentaram mulheres e raparigas, abandonando-as retalhadas de golpes com os seios cortados e a cabeça decepada. Muitos actos bestiais foram cometidos com as vítimas ainda vivas e soltando gritos de agonia. Alguns brancos, mestiços e negros foram esfolados em vida. Autêntico genocídio levado a efeito com os maiores requintes de selvajaria.

O que se conhece em pormenor deste sangrento massacre mostraram-no os cadáveres que foi possível encontrar e contaram-no os poucos sobreviventes das povoações e fazendas atacadas. E em muitos locais, principalmente nas pequenas fazendas, não houve sobreviventes. A surpresa fora fatal.

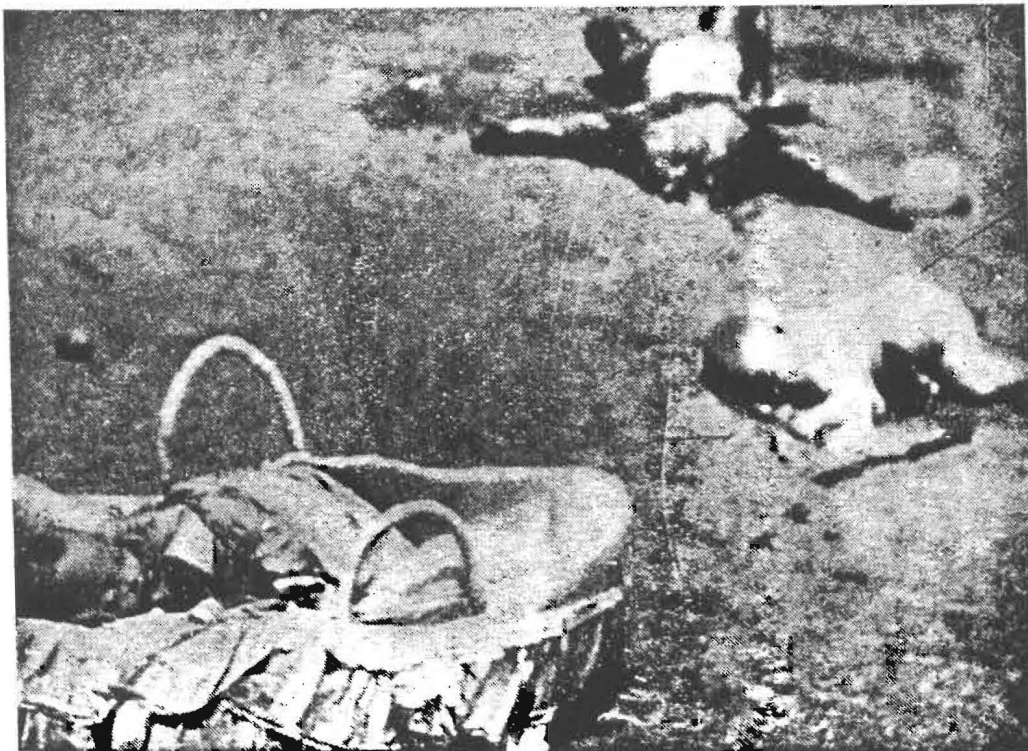
Calcula-se que em 15 e 16 de Março de 1961 foram chacinados centenas de europeus e de nativos fieis nas seguintes áreas:

- Junto à fronteira: Buéla, Luvaca, Cuimba, Madimba e Canda.
- No interior: Bessa Monteiro, Quibala, Zala, Nambuanguo, Quicabo, Cambamba, Quitexe, Zalala e Nova Caipemba.

O plano destes assaltos fora cuidadosamente preparado. Os terroristas agiram simultaneamente e de forma semelhante não só em 2 regiões bastante afastadas (Dembos e fronteira) mas também nos muitos locais diferentes de cada uma das regiões.

O que pretendia a UPA, partido responsável pelo genocídio, ao ordenar estes massacres?

ANGOLA — Vítimas dos massacres terroristas de Março de 1961





ANGOLA — Vítimas dos massacres terroristas de Março de 1961

- Aterrorizar os europeus para que debandassem.
- Convencer, pelo receio de sofrer a mesma sorte, a população que não aderira.
- Comprometer sèriamente os nativos que tomaram parte na chacina perante a autoridade legal.
- Mostrar à opinião pública internacional que toda a população de cor se opunha à presença portuguesa.

Como o inimigo pretendia, grande parte da população branca que escapara ao massacre fugiu. Mas, se as mulheres e crianças ficaram em Luanda ou embarcaram para Lisboa, muitos homens voltaram às povoações cercadas e juntaram-se aos outros portugueses que não chegaram a abandonar a terra que lhes pertencia. E aí, com o apoio dos pequenos destacamentos militares ou sem esse apoio, esses bravos foram resistindo corajosamente aos assaltos em massa dos rebeldes, como pequenas ilhas no mar terrorista.

Foram esses heróis — militares e civis — que, correndo os maiores riscos e não se poupando a sacrifícios, mantiveram hasteada a Bandeira Nacional em Carmona, Nova Caipemba, Bessa Monteiro, Damba, Quitexe, Mucaba e outros locais até à chegada dos reforços enviados pela Metrópole. Foram essas heróicas «ilhas» que evitaram que o pânico se apoderasse da população branca e nativa fiel e impediram que o inimigo obtivesse mais êxitos significativos e pudesse estender decisivamente a luta armada para Sul e atingir Luanda, seu principal objectivo e onde se não verificaram mais assaltos embora se vivesse um clima de intranquilidade e desconfiança.

Quando da eclosão do terrorismo apenas dispúnhamos em toda a Província de cerca de 5 000 soldados africanos e 1 500 europeus. Contudo só estavam imediatamente disponíveis para acorrer à zona afectada pelo terrorismo cerca de mil soldados europeus e 1 200 africanos. Nos Dembos, área bem escolhida para o esforço inimigo, não estava aquartelada qualquer unidade militar nem fora construída, até então, qualquer pista de aviação. Apenas contávamos com um Batalhão em

Carmona e pistas de aviação em Camabatela, Negage e Carmona. Era impossível acorrer a tantos pedidos de socorro.

Logo que teve conhecimento da gravidade da situação, o Comando Militar ordenou, dentro do reduzido número de meios à sua disposição, o movimento de Unidades para as áreas afectadas.

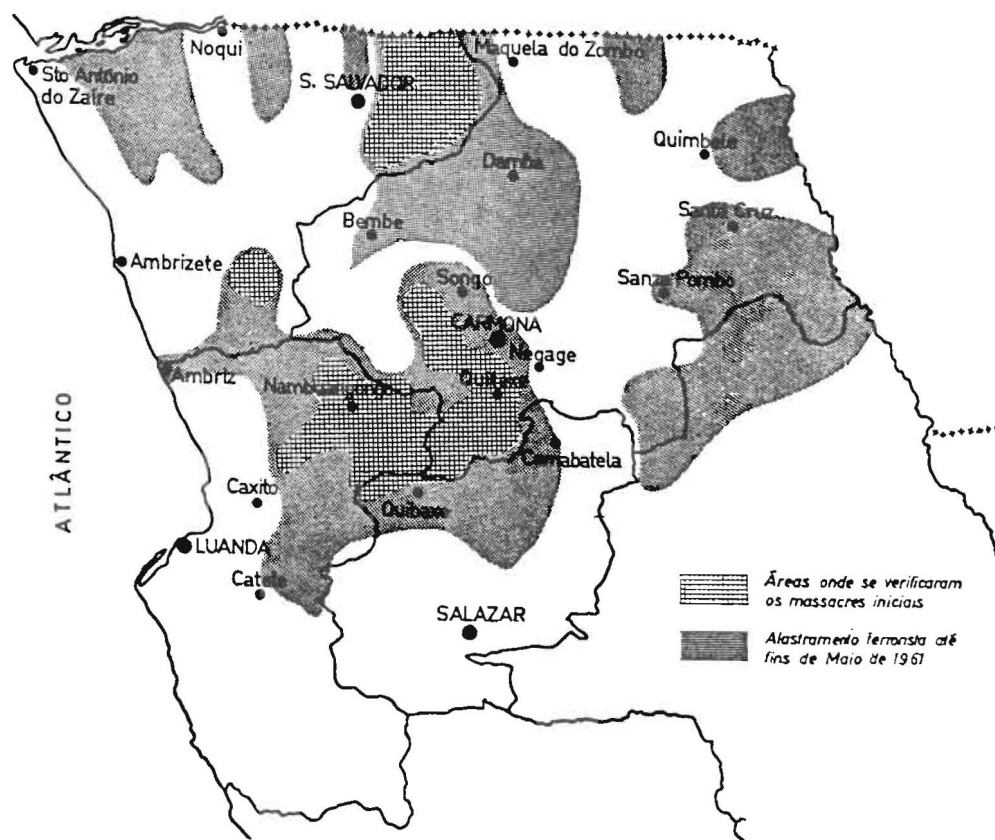
Além das guarnições destacadas para reforço das povoações a que se fez referência, desenvolveram os nossos soldados uma actividade extraordinária, desde salvar os mais seriamente ameaçados, a punir os terroristas quando era possível fazê-lo. Entre muitas, salienta-se uma operação realizada pelo Esquadrão de Reconhecimento de Luanda que conseguiu em 3 dias, atingir Nambuagongo e recolher a Luanda com 120 europeus salvos de uma chacina iminente. Mais tarde não seria possível fazer a mesma operação com efectivos muito superiores.

Após os massacres de 15 e 16 de Março notou-se da parte do inimigo uma menor actividade ofensiva. Além dos assaltos às povoações cercadas, onde normalmente sofriam pesadas baixas, os terroristas, realizavam cortes de estradas e desenvolviam como é óbvio, uma intensa acção psicológica para «convencer» as populações que ainda não tinham aderido.

Praticamente, não atacaram as colunas militares.

Mas em 5 de Abril são emboscadas, nos Dombos, duas patrulhas militares. Na região do Cólua, nove militares, que se deslocavam a uma sanzala aparentemente abandonada, foram súbitamente atacados por dezenas de terroristas que os chacinaram e se apoderaram de todo o material. A notícia destas acções deve ter chegado rapidamente ao conhecimento de muitos núcleos inimigos que, moralizados perante a facilidade de êxito contra a «tropa», incrementaram a sua actividade.

Em 10 de Abril a povoação da Úcu (a 130 Km de Luanda) é assaltada e toda a população massacrada. Os assaltos sucederam-se e o inimigo vai aumentando as



regiões onde praticamente domina e só é contrariado por aquelas «teimosas povoações» que heróicamente se continuam a defender.

Alguns reforços entretanto chegados, por via aérea, de Lisboa são apenas um pequeno auxílio.

Em 1 de Maio desembarca em Luanda o primeiro contingente militar enviado pela Metrópole.

O inimigo sente que os «ventos» vão mudar e verifica que os Portugueses são diferentes dos Belgas. Até então limitara-se a saquear. Começa agora a destruir não só os edifícios e maquinarias das fazendas mas, por vezes, até as próprias plantações. Para atrasar a chegada às povoações cercadas, aumenta extraordinariamente o número de cortes nas estradas (valas, abatizes e pontes ou pontões destruídos). Dispondo já de mais armamento (pistolas-metralhadoras ou espingardas roubadas nos assaltos ou trazidas do Congo ex-Belga), realiza cada vez maior número de assaltos e estende a sua actividade a novas áreas.

Em fins de Maio, podia considerar-se que o inimigo actuava em quase todo o Norte de Angola acima do paralelo de Luanda e numa área duas a três vezes superior à superfície de Portugal metropolitano. A sua actividade estendera-se:

— Dos Dembos para Leste até Ambriz, para Sul até Catete e para Sudeste nas direcções de Salazar, Camabatela e Cangola envolvendo a cidade de Carmona.

— Através da fronteira Norte e vindo do Congo ex-Belga, nas direcções de Quinzau, Tomboco e S. Salvador e ainda para Sul da zona anteriormente afectada atingindo Bembe, Damba e Mucaba e constituindo como que um largo corredor de ligação do «coração» dos Dembos ao referido Congo Belga.

— Através da fronteira do rio Cuango até Quimbele e Sanza Pombo.

— A parte Norte do distrito de Malange.

Continuavam praticamente cercadas de terroristas a cidade de Carmona, 10 povoações sedes de concelho e 8 postos administrativos. Nesta luta pela sobrevivência desempenharam papel assaz importante as autoridades administrativas e a Força Aérea.

Alguns Chefes de Posto foram colaboradores preciosos da defesa e outros foram mesmo os chefes responsáveis pelo êxito de núcleos de resistência cercados. A Força Aérea, desde o primeiro grito de alarme, dispondo de poucos aparelhos mas desenvolvendo uma actividade esgotante e brilhante, apoiou toda a acção de defesa quer transportando pessoal e material quer reconhecendo, metralhando e bombardeando os bandos terroristas referenciados. Sem o apoio da Força Aérea talvez tudo se tivesse perdido.

Em meados de Maio as colunas militares dos contingentes desembarcados em Luanda começaram a deslocar-se para Nordeste. A fase da Reocupação fora iniciada.

REOCUPAÇÃO MILITAR

Depois da chegada do 1.º grande contingente militar a Luanda, em 1 de maio de 1961, outros se lhe seguiram regularmente ao longo de vários meses. A Metrópole estava a mobilizar o melhor e mais que podia.

Essas Unidades, tipo Batalhão e Companhia, eram enviadas para o Norte e Nordeste logo que possível. Em 31 de Maio chegou à Damba o primeiro Batalhão. Pouco depois outro atingia Sanza Pombo. As Companhias destes Batalhões irra-



ANGOLA — Progresão de uma coluna durante a operação de reocupação no Norte de Angola

diaram então em diversas direcções e, com o apoio da Força Aérea, as povoações começaram a ser reocupadas e os núcleos cercados a ser, finalmente, libertados.

Iniciara-se finalmente a reocupação territorial visando inicialmente a zona fronteira e as regiões a Oeste mas principalmente a Este dos Dembos. Foi utilizado o único itinerário principal que o inimigo ainda não dominava, isto é, a Estrada de Luanda para Negage por Catete, Salazar e Lucala. Iniciara-se uma fase que vai durar cerca de 4 meses e em que os portugueses escreveram páginas bilhantes da sua história.

As dificuldades encontradas foram tremendas e qualquer descrição dará sempre uma pálida ideia do esforço realizado por cada uma das Unidades no cumprimento das suas missões.

Uma Unidade demorou 18 dias de Luanda a Maquela tendo de remover 2 000 grandes abatizes e mais de 300 valas que cortavam o itinerário. Uma coluna demorou um mês de Santa Cruz a Quimbele (122 Km) deslocando-se através de estradas difficilimas e, sofrendo constantes emboscadas, teve de vencer centenas de obstáculos.

Os terroristas, que neste período utilizavam principalmente catanas e canha-gulos e, por vezes, já numerosas caçadeiras e carabinas e algumas armas automáticas, emboscavam-se e, em massa, atacavam a cada momento. À noite, as colunas militares dispunham as suas viaturas auto em círculo e com os faróis dos carros acesos conseguiam repelir os assaltos.

Em 13 de Junho era reocupada Lucunga, em 14 uma força da Marinha, desembarcada em Ambrizete, reocupava Tomboco e outra Quinzau. Em 18 era reocupado Bengo, em 23 Bembe, em 24 Cuimba. E muitas outras povoações se lhes seguiram.

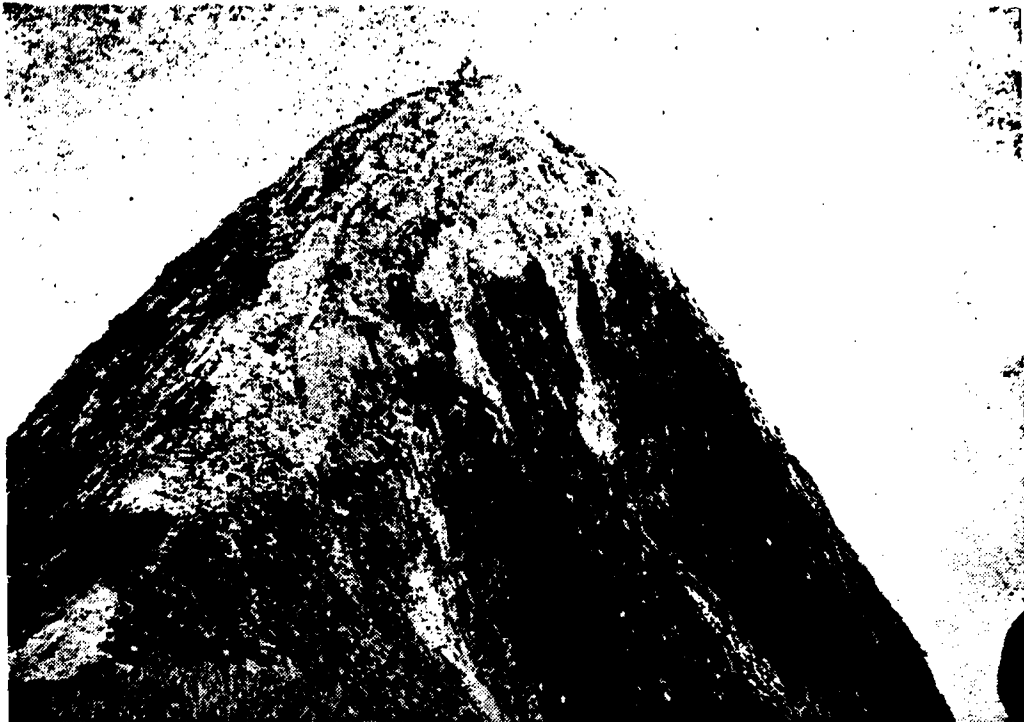
Gradualmente, o inimigo foi obrigado a diminuir a sua área de actividade para



ANGOLA — Vista aérea de Nambuanguongo após a reconquista



ANGOLA — descanso depois da reocupação da fazenda Beira Baixa (Dembo)



ANGOLA — Conquista da Pedra Verde

evitar as forças militares que, desenvolvendo a sua acção principalmente pelos itinerários mas também entrando nas matas, os puniam sempre que possível.

Surgiu, assim, a necessidade de desenvolver operações militares de envergadura sobre três áreas consideradas baluartes, pontos fortes, dos terroristas: Nambuanguo, no coração dos Dembos, considerada pelos rebeldes «Capital do Estado Livre de Nambuanguo», a inóspita serra da Canda e Pedra Verde.

Em meados de Julho, três colunas militares convergiram, de Leste, Oeste e Sudoeste, sobre Nambuanguo, região acidentada, coberta por floresta densa e com acessos muito difíceis. Travando combates contra um inimigo que atacava em massa e desesperado, as colunas progrediram lentamente pelas picadas (itinerários) removendo árvores gigantescas, tapando valas profundas e construindo pontes e pontões. Com o apoio da Força Aérea, Infantaria, Cavalaria e Engenharia conseguem, como um bloco, triunfar nesta «arrancada». Na tarde de 9 de Agosto de 1961 é hasteada, com honras de ordenança, a Bandeira Portuguesa em Nambuanguo. Dois dias depois, tropas pára-quedistas são lançadas sobre Quipedro e ocupam a povoação até serem rendidas por uma coluna vinda de Nambuanguo.

Em meados de Agosto inicia-se uma operação de limpeza da Serra da Canda, amplo planalto entre Maquela e S. Salvador não muito longe da fronteira Norte e que o inimigo utilizava como área de passagem para o Congo ex-Belga, refúgio e ponto de apoio para os ataques que realizava na região. Tomaram parte a Força Aérea, pára-quedistas e forças terrestres.

Localizado poucos quilómetros a Nordeste de Úcu e na entrada dos Dembos, o maciço da «Pedra Verde» é uma região acidentada, muito ravinada e coberta por floresta densa que domina o itinerário mais directo de Luanda a Carmona, conhecido por «estrada do café» pois serve, ao longo dos Dembos, inúmeras povoações e fazendas ligadas a essa cultura.

EVOLUÇÃO DA SUBVERSÃO ATÉ MEADOS DE 1962 — A POPULAÇÃO

Em 1960 deviam viver nos distritos então afectados — Zaire, Uíge, Luanda, Cuanza Norte e Malange — cerca de 1 400 000 africanos.

Relativamente aos primeiros meses de terrorismo, não é possível indicar, nas áreas atacadas, o número dos que se mantiveram fiéis e quantos acompanharam voluntariamente os chefes terroristas ou foram coagidos a colaborar. Excepto nalguns casos, não era possível isolar os terroristas da restante população. O conjunto dos nativos era como que uma massa que oscilava ao sabor dos acontecimentos.

Com a reocupação das principais povoações e a limpeza dos itinerários mais importantes, a situação começa a definir-se.

Apresentaram-se às autoridades, regressando aos seus aldeamentos, nativos que se tinham mantido fiéis ou haviam colaborado coercivamente.

Temendo as Forças Militares, mas principalmente forçados pelos agentes da subversão, fugiram para o Congo ex-Belga cerca de 200 000 homens, mulheres e crianças, na maioria pertencentes à parte Norte dos distritos de Uíge e Zaire. Estes refugiados interessavam ao inimigo não só para serem apontados como vítimas da repressão portuguesa — um dos «argumentos» utilizados para atraírem as atenções internacionais — mas especialmente porque constituíam e têm constituído quer uma fonte de receitas (colectas) quer uma excelente reserva de recrutamento político e militar — «políticos», combatentes, agitadores, etc. x

Tem sido difícil a sobrevivência destes refugiados em território congolês pois, além das dificuldades financeiras e falta de apoio médico-sanitário, têm sofrido as consequências dos atritos com as próprias populações do Congo. Alguns conseguiram organizar a sua vida naquele país. Outros começaram a regressar logo em 1961 e apresentaram-se às nossas autoridades. Estas apresentações, que ao longo dos vários anos têm continuado e somam alguns milhares, representam no entanto uma percentagem pequena relativamente à totalidade de habitantes do Norte de Angola ainda refugiados no Congo ex-Belga. Muitos outros quereriam regressar, mas o inimigo sempre tem desenvolvido todos os esforços no sentido de evitar o seu regresso, quer impedindo-os fisicamente, quer convencendo-os que sofrerão as maiores represálias.

Além destes refugiados, fugiram também, mas para as matas do interior da Província, muitos milhares de nativos, uns por estarem comprometidos nos massacres, assaltos, saques e destruições e muitos outros que a isso foram obrigados pelos chefes terroristas. Entre os que foram coagidos, contavam-se centenas de «bailundos» — trabalhadores que anualmente se deslocavam do distrito do Huambo para as fazendas do Norte da Província onde procediam, como contratados, ao tratamento e colheita do café.

Muitos trabalhadores bailundos foram assassinados e outros estiveram prisioneiros dos terroristas, durante muitos meses, até serem libertados ou conseguirem fugir e apresentar-se. A lealdade dos «bailundos» aos proprietários das fazendas e às autoridades portuguesas assim como, posteriormente, a sua colaboração com as forças militares no combate aos bandos terroristas constituem um desmentido à acusação de trabalho forçado que, na ONU, se fazia a Portugal.

Os que fugiram para as matas construíram então, normalmente em locais não muito afastados das «lavras» anteriormente pertencentes à sanzala respectiva, acampamentos para as populações e quartéis para os chamados «soldados».

Embora realizasse muitas acções, principalmente emboscadas, contra as NT, e demonstrasse dispor de mais armamento (espingardas, granadas de mão e pistolas metralhadoras) e munições, o inimigo procurou especialmente, neste período de transição, consolidar a organização política administrativa anteriormente estabelecida, mentalizar a população sob o seu controle e preparar os seus combatentes com vista à passagem de uma guerrilha incipiente a uma fase mais evoluída.

As Forças Militares, que tinham já tomado, na área afectada, um dispositivo de tipo quadrícula em que a cada unidade cabia a responsabilidade dum determinado sector, passaram então a realizar um número elevado de operações, a maioria do tipo «batida», visando evitar o alastramento da luta a novas regiões, aumentar a segurança de áreas de maior interesse e tentar detectar e reduzir ou isolar os núcleos inimigos. Demonstrando grande capacidade de adaptação a este tipo de guerra, os nossos soldados começaram a penetrar mais nas matas e a obrigar os elementos inimigos a procurarem locais de mais difícil acesso para os seus «acampamentos» e «quartéis». Alguns núcleos populacionais foram mesmo recuperados ao controle do inimigo.

Em meados de 1962, em consequência da actividade das NT, a situação melhorara com uma redução sensível da zona do terrorismo activo. Duma maneira geral, verificava-se que as regiões onde o inimigo se mostrava mais activo podiam ser incluídas numa área definida pela linha geral: NOQUI — LUFICO — BESSA MONTEIRO — QUICABO — ÚCUA — CAMABATELA — MUCABA — MAQUELA.

Mas quem era o inimigo?

O INIMIGO

Dos vários movimentos subversivos angolanos, dois se apresentam como principais e únicos responsáveis pela subversão no Norte de Angola: o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e a União das Populações de Angola (UPA).

O MPLA, dirigido por Agostinho Neto (um angolano formado em Medicina pela Universidade de Coimbra), tem um programa fundamentado nos princípios comunistas e tem procurado aliciar a população branca. Dispõe de dirigentes relativamente evoluídos e tem sido apoiado moral, política e materialmente pelos países do bloco comunista e alguns países africanos considerados progressistas.

Relativamente aos países limítrofes, estabeleceu no Congo Brazza a sua sede, bases e posteriormente um campo de instrução, por onde têm passado instrutores argelinos, chineses e cubanos.

Não conseguiu estabelecer as suas bases na RDC devido à posição governamental. Iniciou em 1966, a transferência de grande parte do seu pessoal e meios para a Zâmbia com vista à luta no Leste de Angola.

A UPA, que constituiu com o PDA uma pretensa «Frente Nacional de Libertação de Angola» é dirigida por Holden Roberto, angolano de formação protestante que passou a maior parte da sua vida no Congo Belga. Constituída por negros com preponderância do grupo quicongo, tem uma orientação tradicionalista e racista. O nível dos seus dirigentes é fraco. Tem beneficiado do apoio moral e material de certas organizações americanas e de alguns países africanos considerados moderados, entre os quais sobressai a RDC onde mantém a sua sede, acampamentos e a «base» de Kinkuzu.

Esta base constitui o principal ponto de apoio da sua organização militar, o ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola), e nela têm sido instruídas muitas dezenas de guerrilheiros que posteriormente se infiltram em Angola. Constituiu o GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio) que foi reconhecido, em Jun 63, pelo governo da RDC e posteriormente por outros países africanos.

Ambos os movimentos se estruturam em hierarquias políticas e militares paralelas. Ao contrário do MPLA de filiação comunista, a UPA tem, a par daquelas duas hierarquias, mantido a anterior organização tribal tradicional respeitando muitos dos anteriores chefes nativos.

Embora o seu objectivo seja comum — a independência —, as dissidências e lutas entre os dois partidos têm sido frequentes pois as orientações ideológicas e

os apoios são diferentes. Não têm resultado os esforços já desenvolvidos por alguns países e organizações no sentido de a UPA e o MPLA constituírem uma frente única ou, pelo menos, coordenarem a sua acção.

Julga-se que o MPLA teria aproveitado a presença de jornalistas estrangeiros em Luanda (caso do navio «Santa Maria») para ordenar os assaltos de Fevereiro de 1961 visando alertar a opinião pública internacional e que a UPA teria antecipado o início dos massacres para 15 de Março com receio de perder a iniciativa e o domínio do movimento subversivo.

Na evolução da subversão tem tido grande influência o auxílio externo, isto é, o apoio político e material concedido por um certo número de países do bloco comunista, africanos e outros.

Este apoio tem-se processado das mais diversas formas. Assim dos Congos traduziu-se em instalação de bases ou acampamentos, na utilização dos portos de Ponta Negra e Matadi para recepção do material vindo doutros países, em apoio político ao nível africano ou internacional etc. Outros países, como a Tunísia, Marrocos, RAU, URSS, China Continental, Checoslováquia, etc., enviaram apoio financeiro, e material, emprestaram técnicos, prepararam nas suas escolas quadros civis e militares, apoiaram politicamente ao nível internacional, etc.

O apoio externo quando decresce ou é interrompido tem reflexos, por vezes decisivos, na diminuição da actividade dos partidos, assim como, quando aumenta, conduz normalmente a um revigoramento da luta armada.

Assim o MPLA, que não recebera ainda apoio material externo substancial e não conseguira instalar-se na RDC, desapareceu da luta armada no Norte de Angola em 1963 até porque a UPA não permitia as suas infiltrações.

Em 1964, também o decréscimo nítido de apoio externo à UPA conduziu a deserções, revoltas e indisciplina no ELNA, embora sem reflexos significativos na luta armada conduzida no interior da Província.

Posteriormente, o apoio concedido ao MPLA, não só em material mas também político, permitiu a este partido iniciar e desenvolver a luta armada no Leste de Angola, e beneficiando da referida desorganização da UPA, infiltrar grupos armados na parte sul da região dos Dembos.

EVOLUÇÃO POSTERIOR DOS ACONTECIMENTOS

Duma forma muito geral, analisemos a evolução da subversão a partir dos meados de 1962 no Norte de Angola.

Em Junho de 1962, o Comando Militar ordenou uma remodelação do dispositivo das Unidades ao Norte do Quanza, pois, em algumas regiões as condições de vida eram quase normais. Assim, a densidade de ocupação militar passou a ser menor nas zonas consideradas recuperadas e os efectivos foram aumentados nas regiões onde o adversário, controlando milhares de elementos da população escondidos nas matas e vivendo do seu apoio, realizava acções violentas. Pretendia-se que as Unidades com menores áreas de responsabilidade pudessem desenvolver uma actividade operacional mais intensa e com maiores probabilidades de êxito.

Entretanto o inimigo, dispondo de maior quantidade de material e munições, começa a utilizar minas e armadilhas e a revelar melhor preparação militar. Actua com mais eficiência sabendo manobrar e furtar-se ao contacto.

Apoiando-se nas bases logísticas e de instrução militar existentes no Congo Kinshasa, a UPA infiltra através da fronteira Norte, em 1963, material e combatentes e consegue melhorar as suas organizações político-administrativa e militar. Começam a definir-se alguns núcleos principais do inimigo, «centrais», e um elevado número de «secções» dependentes dessas centrais.

Assim, surge-nos, em consolidação, uma estrutura a que poderemos chamar a «árvore da subversão» com as raízes no Congo, estendendo-se sobre o Noroeste da Província e com os seus ramos desenvolvendo-se sobre os Dembos. A missão das NT é espinhosa, pois as raízes não podem ser cortadas, e o tronco, que alimenta os ramos, corresponde a uma extensa faixa de fronteira onde os cortes, mesmo profundos, dificilmente serão decisivos.

Dado que as dimensões dos sectores possibilitam, ao fim de poucos meses, um conhecimento razoável do seu terreno, as NT conseguem, com mais frequência, obter as informações mais ou menos pormenorizadas, tão necessárias para a realização de acções do tipo «golpe de mão» em número relativamente elevado.

Este tipo de acção revela-se o mais rendoso a curto prazo e permite, além de desorganizar o núcleo atacado, capturar material e elementos inimigos.

Desenvolvendo simultaneamente intensa acção psicológica sobre o adversário e elementos capturados, é possível, nalgumas áreas, desalojar a subversão e conseguir a apresentação de centenas de nativos e algumas autoridades gentílicas.

Em 1963, a área mais afectada sofre uma redução sensível e os núcleos terroristas procuram zonas de refúgio cada vez mais afastadas dos itinerários e onde, para o conjunto — combatentes, população de apoio e meios de vida cubatas, lavras, etc.) —, estabelecem um excelente sistema de vigilância e alarme, o que dificulta cada vez mais a obtenção da surpresa, condição essencial para o sucesso.

Entretanto a reocupação económica tinha continuado. Muitas fazendas estavam novamente ocupadas e o trabalho agrícola processava-se regularmente. A segurança era garantida pelo seu pessoal armado e o apoio de Pelotões da Organização Provincial de Voluntários ou de Unidades Militares da área. Em consequência da actividade da NT, das características do terreno e do movimento das populações, verifica-se em 1964 que o inimigo, utilizando já armas de tiro curvo e anticarro, evoluía e desenvolvia actividades diferentes nas várias regiões do Norte de Angola. Vejamos quais eram essas actividades.

A zona entre os rios Loge e Dange, de Quicabo ao Quitexe e incluindo as serras de Mucaba e do Uíge, fora escolhida para a sua «grande zona de refúgio». Aproveitando a densa vegetação, o acidentado do terreno, as numerosas linhas de água e a falta de vias de comunicação, aí se disseminavam a grande maioria dos «Quartéis», centenas de combatentes e uma população de apoio da ordem de alguns milhares de nativos totalmente controlados. Nessa zona desenvolvia a sua principal actividade de guerrilha. Embora reagindo por vezes às penetrações das NT, continua sistematicamente a fugir ao contacto.

Através da parte Norte dos distritos do Zaire e Uíge, onde a população vive praticamente junto dos aquartelamentos das Unidades Militares, infiltram-se os grupos armados ou de reabastecimentos do inimigo, utilizando normalmente os vales dos rios, em direcção à «grande zona de refúgio». Por vezes, grupos numerosos, bem armados e dotados de grande mobilidade realizam acções violentas visando quer as NT quer a intimidação das populações sob o nosso controle.

Na periferia da sua grande zona de refúgio, o inimigo tem desenvolvido sempre, sobre as populações apresentadas às nossas autoridades, uma acção de subversão que dificulta o nosso controle. E, por vezes, têm sido detectados casos de nativos que, convencidos ou ameaçados, fornecem ao inimigo informações, sal, medicamentos, etc.

As Forças Militares orientam então o seu esforço para os principais núcleos inimigos da zona de guerrilha.

Assim, realizaram-se em 1964 e 1965, entre muitas outras, operações de grande envergadura em que elevado número de Forças do Exército, Pára-quedistas e Fuzileiros Navais bateram, durante dias, as matas cerradas imensas e esgotantes dos Dembos em procura e perseguição dos terroristas.

O inimigo foi bastante abalado. As suas estruturas foram desequilibradas e desarticuladas. Mas a sua recuperação não é muito difícil, pois as extensas lavras de mandioca — seu principal alimento — não se podem destruir com facilidade e as cubatas construídas rapidamente noutra localidade. No entanto, a desarticulação, insegurança e instabilidade que lhe são criadas diminuem a sua capacidade combativa, afectam o seu moral e obrigam-no a uma maior dispersão.

O inimigo realizou, em 1964 e 1965, grande número de acções de fogo. A sua zona de guerrilha sofreu reduções sensíveis a Noroeste, a Sul e na Serra do Uíge e é obrigado a reagir às penetrações das NT.

Continua a constatar-se, como em anos anteriores, que a sua actividade é, normalmente, menor no período das grandes chuvas — Março, Abril até meados de Maio — talvez porque o reabastecimento é difícil na estação das chuvas (Outubro a Maio).

Durante as grandes chuvas, as NT conseguem obter a surpresa com maior facilidade mas os condicionamentos por vezes impostos aos movimentos terrestres e ao apoio aéreo são enormes. A estação seca ou do cacimbo, de Maio a Outubro, permite conseguir um melhor rendimento operacional.

Em fins de 1965 e princípios de 1966, aproveitando as dissidências internas da UPA já mencionadas, o MPLA conseguiu infiltrar elementos bem armados e municiados e apoderar-se de núcleos daquele movimento na região a Sul de Nambuangongo próximo do rio Dange.

Posteriormente, com a chegada de mais combatentes e material, os novos núcleos do MPLA consolidaram-se e alastraram a sua influência subversiva, quer para Sul na direcção de Catete, quer para Leste na direcção da Mucondo, onde conseguiram apoderar-se de mais alguns «quarteis» da UPA.

A zona da guerrilha passava a ser compartilhada pelos dois partidos.

Este alastramento da subversão para Sul constituía uma ameaça de certa gravidade para a «estrada do café» (Luanda — Catixo — Carmona), poderia vir a criar problemas noutra itinerário importante, a estrada Luanda — Catete — Salazar, e aproximava a guerrilha de Luanda.

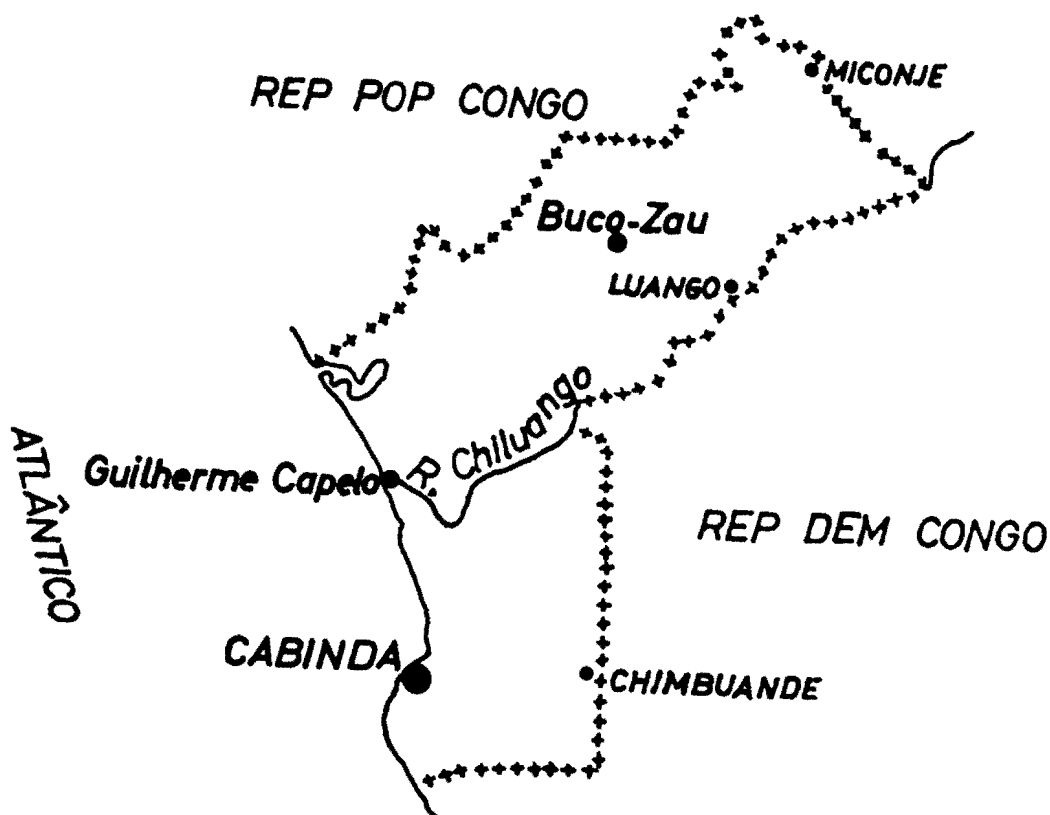
As Forças Militares, desenvolvendo permanente actividade, têm procurado contrariar as intenções do inimigo. Com a realização, em 1968, de operações de certa envergadura, os núcleos do MPLA são desarticulados, embora os combatentes inimigos tivessem reagido, para evitar as penetrações das NT. E a difícil mas imprescindível abertura de itinerários, então realizada, possibilita um melhor rendimento das acções e operações posteriormente efectuadas.

A UPA, que desde 1966 passara a dispor de melhor apoio externo, infiltrou alguns grupos de reabastecimento com material moderno e conseguiu estender a luta armada à área de Terreiro — Camabatela, não longe do Quitexe, onde se tinha entretanto mantido embora com lenta mas progressiva redução de actividade. Da reactivada «Central» de Camabatela lançou então um certo número de ataques principalmente contra algumas fazendas da região. A realização de operações das NT, conjuntamente com a abertura indispensável de algumas picadas, obrigou o inimigo a reduzir sensivelmente a sua actividade.

Nas Serras do Uíge e Mucaba a actividade do ELNA tinha praticamente desaparecido. No distrito do Uíge realizou várias tentativas para reactivar a fronteira do Cuango, infiltrando grupos armados a partir da RDC e flagelando e emboscando as patrulhas militares. No entanto, os seus resultados não foram compensadores e a actividade das NT impediu os seus propósitos.

CABINDA

O distrito de Cabinda constitui um enclave localizado 50 quilómetros a Norte do rio Zaire e encaixado entre o Atlântico e os Congos Brazza e Kinshasa. Tem uma área de 7 280 Km², o que corresponde aproximadamente ao nosso Algarve e à cen-



tésima parte de Angola, e as suas fronteiras, excepto o Atlântico e a parte Este (rios Luango e Lucula), são convencionais e portanto extraordinariamente permeáveis a infiltrações. Com uma população de cerca de 60 000 habitantes, Cabinda é considerada uma terra rica sobretudo em petróleo e madeira.

Enquanto, em Março de 1961, os terroristas massacravam os brancos, negros e mestiços a Sul do rio Zaire, não se verificaram acontecimentos graves em Cabinda, porque a Unidade Militar destacada para o distrito desenvolvera anteriormente, junto das populações, a par duma constante acção social, uma acção psicológica intensa e digna do maior realce.

Contudo o inimigo não cedera e intensificava a sua acção de subversão tão fácil a partir dos Congos.

Em 12 de Abril de 1961, dão-se em Cabinda os primeiros atentados terroristas ordenados pela UPA no concelho de Cabinda. Enquanto uma patrulha militar é emboscada em Tango Zinge e sofre três mortos, trinta quilómetros a norte é atacada a povoação de Zenza e morto um europeu e assaltada uma fazenda (no Limano) e assassinados os proprietários. Os bandoleiros utilizavam já espingardas e pistolas-metralhadoras.

Receando as forças da ordem ou ameaçados pelo inimigo e temendo acções terroristas contra as suas aldeias, o que aliás se verificou com frequência, centenas de nativos fugiram para os Congos.

A partir de Setembro, o esforço da UPA — único partido então militarmente organizado frente a Cabinda — desenvolveu-se no Maiombe, região acidentada e coberta de floresta densa. Novas fugas de população se verificaram.

Devido à intensa actividade operacional e à acção psicológica das Forças Militares — o distrito fora então reforçado com novas Unidades — as fugas de nativos, que já em 1962 tinham sido poucas, foram mínimas em 63 e 64 e terminaram em

Maio de 1965. E desde 1961 que essas populações tinham começado a regressar

Para muitos nativos a fuga não demorou mais que alguns meses. Dos 20 000 fugidos para os Congos, 10 000 apresentaram-se até 1964. E mais não se apresentaram porque o inimigo os impedia quer pela força quer convencendo-os de que seriam vítimas de represálias das NT.

Aguns europeus, que em 1961 tinham procurado refúgio na metrópole, em breve regressaram a Cabinda.

Continuando a sua actividade, a UPA em 1963 utiliza já lança-granadas anticarro e minas anticarro.

Em 1964, ano em que realiza um número elevado de acções contra as NT e contra as populações, emprega morteiros. Mas em 1965 a sua actividade desapareceu, o que se julga devido a dissidências entre os seus apaniguados, às operações das NT e, principalmente, à falta de apoio da população que cedo constatou a impossibilidade de esse inimigo cumprir as promessas que fizera ao iniciá-la.

Entretanto o MPLA, que já fracassara numa tentativa em 1963 quando um bando de cerca de 180 elementos fardados e bem armados fora obrigado a fugir para o Congo por uma sub-unidade de nosso exército para escapar à destruição total, reorganiza-se e, em princípios de 1965, beneficiando de substancial apoio externo, inicia, a partir do Congo Brazza, uma grande actividade política e de propaganda, e simultâneamente, um período de grande número de acções militares, principalmente emboscadas e minas anticarro, que provocam baixas nas NT.

Mas em 1966 o ritmo da actividade inimiga diminuíra significativamente. Transferira o seu esforço para o Leste de Angola, mas, na verdade, poucos elementos da população colaboraram.

Após contactos com os chefes dos refugiados, as Autoridades do Distrito conseguiram convencê-los a regressar aos seus aldeamentos e as apresentações que nunca tinham parado, aumentaram extraordinariamente. Em 1966 apresentaram-se cerca de 5 000 nativos. A população negava ao inimigo o apoio de que este necessitava e, cansada de viver fora da sua terra e das exigências e falsas promessas dos chefes políticos e militares, decidira voltar às suas povoações e preferir a segurança conferida pelas NT e o progresso que o Governo lhes tem proporcionado.

Estima-se que mais de 95 % da população nativa se encontra já em Cabinda,

CABINDA — Recepção a um grupo de apresentados



onde a sua vida normal tem sido e poderá vir a ser perturbada pelas acções terroristas — ataques, golpes de mão, emboscadas, engenhos explosivos, represálias — que, devido à pequenez do território e à permeabilidade das fronteiras, qualquer dos movimentos inimigos pode, com facilidade, desencadear a partir de bases instaladas em território estrangeiro.

A SUBVERSÃO NO LESTE DA PROVINCIA

Em Fevereiro de 1966, a UNITA, movimento organizado por um dissidente da UPA, infiltrou agitadores no distrito do Moxico com a finalidade de aliciar os nativos do vale do rio Lungué — Bungo e iniciou posteriormente as suas actividades violentas de destruição de pontes, incêndio de casas, ataques a civis e viaturas isoladas e intimidação de populações.

Distrito central da faixa Leste de Angola, o Moxico, com uma superfície de 200 000 Km² — mais de duas vezes a de Portugal Metropolitano — apresentava em 1960, uma população de cerca de 260 000 negros, 1 200 mestiços e 3 500 brancos, mais concentrada ao longo do importante Caminho de Ferro de Benguela.

De características muito diferentes do Noroeste de Angola, o distrito do Moxico é um extenso planalto com cobertura vegetal mais rala. As manchas florestais existentes, ao longo dos cursos de água são facilmente penetráveis. A natureza arenosa do solo na época seca e os lamaçais das extensas e numerosas chanas (zonas alagadiças provocadas pelos rios quando transbordam na época das chuvas) tornam a transitabilidade muito difícil durante todo o ano, principalmente quando as chuvas derrubam os pontões de construção sumária.

O que é a UNITA?

A UNIÃO NACIONAL PARA A INDEPENDÊNCIA TOTAL DE ANGOLA (UNITA) é um movimento racista dirigido por Jonas Savimbi, antigo «ministro» do GRAE que abandonou a UPA em Julho de 1964.

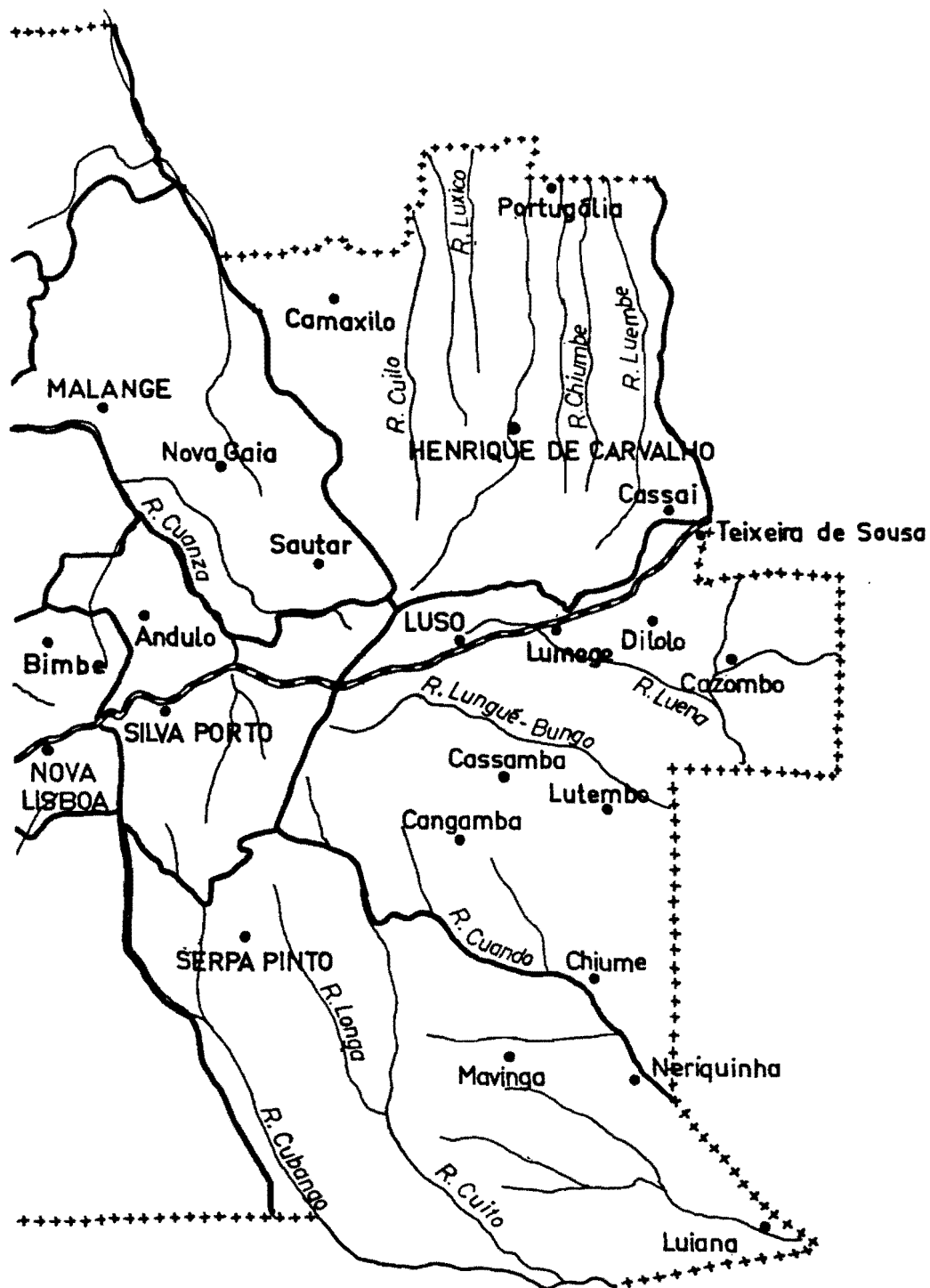
Dedicou-se à subversão e aliciamento dos trabalhadores que, oriundos do Leste de Angola, trabalhavam nas minas da Zâmbia como contratados, ao mesmo tempo que aliciava também as populações da região fronteiriça do distrito do Moxico. Posteriormente, preparou os agitadores que, enquadrados por elementos instruídos na China, desencadearam as acções políticas e militares em TN.

A UNITA tem sido apoiada pela Tanzânia e RAU além da China Continental. A Zâmbia, país independente desde 1964, apesar de necessitar ainda do Caminho de Ferro de Benguela para escoar os seus minérios tem, no entanto, concedido importante apoio aos movimentos anti-portugueses, que praticamente dispõem de grande liberdade de acção para as suas actividades.

A UPA instalou em 1964 uma delegação na Zâmbia mas, devido à pouca aceitação que teve nos nativos do Moxico e às dificuldades que atravessou posteriormente, abandonou praticamente as suas actividades neste país e assim a UNITA e o MPLA acabaram por assenhorear-se das suas estruturas.

O MPLA, que em 1965 já desenvolvia uma intensa acção de subversão sobre a população do Leste, transferiu, em princípios de 1966, uma parte dos seus combatentes e material do Congo Brazza para a Zâmbia e, em Abril do mesmo ano, tinha já infiltrado um grupo numeroso de combatentes no saliente de Cazombo.

O saliente de Cazombo, que mais parece uma península penetrando profundamente nos territórios circunvizinhos, é cortado pelo rio Zambeze em duas partes de características diferentes, pois a Oeste o terreno é semelhante ao restante do distrito mas a Leste é de tipo montanhoso rochoso e de cor vermelha. As fronteiras do saliente, assim como de todo o distrito do Moxico, são convencionais e portanto muito permeáveis, o que, aliado à circunstância de também não haver uma fronteira étnica bem definida (alguns chefes gentílicos da Zâmbia exerciam grande influência sobre nativos portugueses), facilitou a actividade subversiva do inimigo.



A UNITA, demonstrando muita capacidade de aliciamento, conseguiu alastrar a sua influência a Ninda-Sete-Chiume e posteriormente a Gago Coutinho e Muié. Os combatentes, embora mal armados e pouco instruídos, mostravam-se moralizados e realizavam algumas acções contra civis ou forças militares de pequenos efectivos.

O MPLA, dispondo de elementos bem instruídos e armados, não só reagia às acções ofensivas das NT mas também executava algumas emboscadas às colunas militares em que revelou certa eficiência e boa mentalização. Demonstrou ainda um

particular aperfeiçoamento nas técnicas de aliciamento das populações. Se as autoridades gentílicas não colaboravam, empregava o terrorismo selectivo.

Além da penetração do Cazombo, o MPLA conseguiu na Zâmbia estabelecer bases mais a Sul e, em Outubro de 1966, iniciou as acções militares na região de Ninda-Sete-Chiume. Conseguiu ainda arrastar, nalguns casos coercivamente, centenas de nativos que abandonaram os seus «quimbos». Muitos deles refugiaram-se na Zâmbia onde têm sofrido muitas privações. Aliás, muito antes dos acontecimentos, já se verificavam movimentos migratórios frequentes e viviam, normalmente, na Zâmbia, alguns milhares de emigrados angolanos.

Desde o início da subversão no Leste que as Forças Militares desenvolveram uma intensa actividade mas as dificuldades encontradas têm sido grandes pois, numa área tão extensa e onde a observação se faz a longas distâncias, os movimentos terrestres são muito lentos e surpresa difícil de obter.

Com a finalidade de aniquilar o inimigo e recuperar populações, dissociação do binómio População-Inimigo, as NT realizaram em 1966, não só um número elevado de acções mas ainda algumas operações de certa envergadura em que provocaram muitas baixas ao inimigo, capturando-lhe razoável quantidade de material (armas automáticas e de repetição, granadas de mão ofensivas e defensivas, munições, etc.) e recuperaram muitas dezenas de nativos que tinham sido obrigados a colaborar com os grupos rebeldes.

A UNITA, que se vinha antecipando ao MPLA no alastramento da subversão, era no entanto normalmente escurraçada das regiões em que os fortes grupos armados do MPLA se instalavam, havendo conhecimento de muitos choques entre os dois partidos.

Em Julho de 1967, Savimbi foi acusado de se intrometer na política interna da Zâmbia e expulso deste país. O MPLA passara a ser o quase exclusivo beneficiário do apoio zambiano. Parece, no entanto, que nesta alteração de situação para a

ANGOLA — Dificuldades de progressão por uma picada do Leste de Angola, durante a época das chuvas



UNITA tiveram grande influência alguns elementos de tendência comunista pertencentes ao governo de Kaunda.

No final de 1967, a subversão tinha alastrado a regiões onde até então não se tinha ainda manifestado. A UNITA, embora continuando a dispor de fraca organização e pouco armamento, consegue alastrar a subversão ao Alto Cuito e o MPLA, ultrapassando o rio Cuando, atinge Mavinga já do distrito do Cuando-Cubango.

Posteriormente, o MPLA, que no Sul tinha sido repellido pelas NT para além do Cuando, consegue não só estender a subversão a grande parte do saliente do Cazombo mas ainda expandir-se ao longo dos vales do Luena e Lungué-Bungo em direcção ao Luso e ao distrito da Lunda. A UNITA, embora continuando a ser suplantada pelo MPLA em regiões onde anteriormente aliciara os nativos, prossegue para Oeste e os seus agitadores atingiram então o distrito do Bié.

A UPA, cujas actividades em 1965 e 66 se limitaram a manter escritórios na RDC, começou novamente a interessar-se, em 1967, pelo distrito da Lunda onde se encontram os centros mineiros da DIAMANG. E em 1968 infiltraram-se, pela fronteira Norte do distrito, elementos do ELNA que raptaram elementos da população que sempre tinham dado provas de fidelidade à Bandeira Portuguesa.

O inimigo, especialmente o MPLA, que tem aumentado sensivelmente o número dos seus combatentes, desenvolveu, em 1967 e posteriormente, intensa actividade no campo da luta armada, desde emboscadas a ataques a povoações e represálias sobre os nativos que se mantêm fieis às NT. Actuando com grande dispersão num terreno de tão difícil transitabilidade, os grupos armados rebeldes conseguem com frequência furtar-se ao contacto com as Forças Militares.

Com o deslocamento de mais Unidades para a faixa Leste da Província, as NT desenvolveram então uma actividade muito intensa e digna do maior realce. A utilização mais frequente de helicópteros possibilita melhorar o rendimento da nossa actividade pois a surpresa é obtida com mais facilidade. É capturado muito material, algum bastante moderno. São destruídos numerosos acampamentos e provocadas muitas baixas ao inimigo. São recuperadas muitas centenas de nativos que o inimigo controlava totalmente.

Dedica-se especial atenção à recuperação e posterior reordenamento das populações que, subtraídas ao controle do inimigo, são instaladas em locais onde a sua protecção pode ser assegurada, quer pela proximidade de unidades militares, quer ainda por os próprios nativos serem organizados em auto-defesa.

ÍNDICE

Introdução	3
Antecedentes	5
— Independência do Congo Belga	5
— Acontecimentos da Baixa do Canssange	7
— Assaltos em Luanda	8
Os Massacres no Norte de Angola	8
Reocupação Militar	12
Evolução da Subversão até meados de 1962 — A População	17
O inimigo	18
Evolução Posterior dos Acontecimentos	19
Cabinda	21
A Subversão no Leste da Província	24

V. 2



SPEME